

**PARA UMA ANÁLISE DIALÓGICA DAS COMUNIDADES VIRTUAIS
FOR A DIALOGICAL ANALYSIS OF VIRTUAL COMMUNITIES**

Silas GUTIERREZ¹

RESUMO: Neste artigo, abordaremos as comunidades virtuais na perspectiva bakhtiniana. Problematizaremos a questão da constituição do sujeito-virtual e sua representatividade no ciberespaço, assim como a análise discursiva da plasticidade textual eletrônica.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades Virtuais, Bakhtin, Sujeito.

ABSTRACT: In this article, we will discuss virtual communities in bakhtinian perspective. It questions the constitution of the virtual subject and its representation in cyberspace, as well as the discursive analysis of text electronic plasticity.

KEY-WORDS: Virtual Communities, Bakhtin, Subject.

Introdução

Com base nos estudos realizados por Bakhtin (1992), analisaremos a construção do sujeito em um espaço cuja ancoragem se dá no virtual. As comunidades do Orkut regem um fluxo discursivo em que as discontinuidades frequentes recriam, devido ao sistema eletrônico, uma materialidade textual que comporta uma estrutura e organização passíveis de um estudo analítico discursivo.

Problematizando o *corpus*

Abordar os sites de relacionamento social como gêneros discursivos torna-se uma complexa tarefa devido à sua plasticidade específica e seus inúmeros efeitos de sentidos proporcionados pela tela do computador.

A configuração hipertextual que define o site de rede social é produzida por recursos tecnológicos avançados que criam uma malha textual altamente atrativa e

¹ Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Email: frenazo@ig.com.br

fundada em um espaço eletrônico cujas inúmeras possibilidades de interação² proporcionam ao leitor uma experiência vivida apenas no mundo virtual.

A arquitetura cognitiva do hipertexto caracteriza-se por um processo de leitura multilinearizado, multisequencial e multifacetado. A dimensão aspectual, visivelmente estetizada, constrói não apenas um site convencional, mas um importante espaço de interações de sujeitos-virtuais em espaços e tempos, como dissemos, não equivalentes ao real.

Para analisarmos os sites de relacionamento, na perspectiva bakhtiniana, é imprescindível integrá-los dentro de sua dimensão cultural, pois novas formas de interação eletrônica desestabilizam uma ordem tradicional de comunicação cotidiana.

A ideologia estética eletrônica parece permear e impregnar a sociedade consumista brasileira, ditando uma moda crescente de aparelhos eletrônicos, promovendo valores e comportamentos na esfera social. Aprender a operar um computador deixa de ser apenas uma forma de adentrar no mercado de trabalho para, também, “virar moda”. Com recursos visuais avançados, os aparelhos eletrônicos do cotidiano segmentam classes sociais, determinando o que é *fashion* e *old-fashion*.

Ser moderno e “antenado” são adjetivos atrelados ao mundo da eletrônica. Parece-nos claro que a ampliação de acessos ao computador criou não apenas uma complexa dinâmica dialógica entre contextos, com sujeitos ausentes de papéis fixos. Mas fixou adjetivos aos consumidores de toda variedade de programas de *software* e aparelhos eletrônicos como TV plasma, *Iphone*, *playstations*, câmeras.

Tratando da questão de gênero

Para analisar o discurso por meio dos sites de relacionamento, optamos pela perspectiva teórica de fonte bakhtiniana, pois concebe a língua engajada socialmente, entrelaçada em contextos e, ainda, enfatiza o caráter ativo do sujeito em seu aspecto dialogal e construtivo.

Importante, quando se trata dos estudos bakhtinianos, não confundir gêneros discursivos com estrutura composicional. Para Bakhtin, o processo é mais importante

² Brait (2006) esclarece que o conceito de interação, nos estudos bakhtinianos, deve ser visto como processo verbal e social.

que o produto, pois aquele ancora-se na esfera de uso da utilização da linguagem. Portanto, o gênero discursivo não é estanque como a estrutura composicional.

Por exemplo, um relatório é um tipo textual (uma forma específica e própria de se comunicar em uma esfera particular de comunicação). Pois bem, pensar o relatório como gênero discursivo é concebê-lo levando em consideração as inúmeras formas de expressão que o relatório assume dentro de um contexto específico de situação. Como afirma Mikhail Bakhtin,

[...] a riqueza e diversidade dos gêneros discursivos é imensa, pois as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera (1992, p. 279).

Tomando como exemplo as organizações empresariais, a produção de um relatório depende de como estão instaladas as formas de comunicação, considerando os papéis fixados socialmente (diretor, engenheiro, chefe de limpeza, psicóloga, guarda noturno), a significação espacial concebida (colégio de freiras, restaurante, boate, hotel, empresa farmacêutica) e época (inquisição, escravidão, ditadura, democracia)³. Sobre isto, Sheila Camargo Grillo enfatiza que é

[...] importante salientar que o campo/esfera é um conceito fundamental para o estudo e a classificação dos gêneros discursivos. A relação de um texto com outros da mesma espécie passa pela sua inserção em determinado domínio cultural, adquirindo um modo próprio de refratar a realidade em seus diversos aspectos (2006, p.156).

O relatório, então, visto como gênero discursivo, dialoga com inúmeras outras questões que envolvem a materialidade textual. Por isso dissemos, anteriormente, que na perspectiva bakhtiniana interessa o processo mais que o produto. Inclusive, é um aspecto que justifica a preocupação do Círculo de Bakhtin, pois estes deram atenção especial à linguagem como mediadora da realidade. Pois, vivenciamos e explicamos a

³ Segundo Amorim (2006), no trabalho de análise dos discursos quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos inferir dele uma determinada visão de homem.

realidade apenas por meio da linguagem e esta pode ser virtual ou humana, depende de como será nomeada. O mundo virtual e suas sensações, dimensões e estética são descritos e explicados por meio da linguagem.

Portanto, ao tentarmos entender como são dadas as interações no ambiente da *web* é importante, antes, compreendermos o site de relacionamento não apenas em sua plasticidade textual, mas como atividade de linguagem inserida em um contexto situacional e constituída historicamente. Partindo dessa compreensão é possível, então, entendermos as produções de sentido resguardadas no discurso.

Tomando como *corpus* as comunidades virtuais do Orkut, site de relacionamento mais acessado no Brasil, analisamos a interação de vários aspectos discursivos para a produção de sentido.

Atualmente, não há um perfil específico de usuário no Orkut. No entanto, a modalidade deste site de relacionamento dispõe uma página para o preenchimento do perfil, abrangendo vida pessoal, social e profissional.

Interessante observar que no mundo virtual é possível modelar sua personalidade para interagir com outras. Contudo, a página para o preenchimento do perfil dispõe uma quantidade limitada de possíveis personalidades. Portanto, no mundo virtual a personalidade é subjetiva, mas também, enquadrada em possibilidades determinadas.

Tendo como base esse contexto, torna-se possível a formação de comunidades virtuais para enquadramento das personalidades disponíveis. Pois, embora sejam milhões de usuários, temos tipos já determinados pelo sistema. Luiz Antonio Marcuschi complementa afirmando que

[...] um documento hipertextual pode ser tão restritivo que os leitores consideram que têm não mais (e talvez muito poucas) escolhas de navegação do que teriam numa versão linear de texto. No outro extremo, um documento hipertextual poderia ser tão aberto, interconectado e controlado pelo leitor que os usuários poderiam considerar-se sobrecarregados pela multiplicidade de escolhas (2007, p.93).

A formação de comunidades virtuais parte de vários tipos de categorias como Artes e Entretenimento, Religiões e Crenças, Ex-alunos, Viagens, Cidades e Bairros e muitos outros. Todas essas categorias se fragmentam em muitas outras.

A página da comunidade é formada por seu nome e sua descrição, idioma, nome do dono, categoria e membros. Ao lado dessas informações, estão elencadas outras comunidades similares. Logo abaixo, ainda na mesma página, os usuários postam assuntos e dúvidas relacionados com a comunidade e discutem abertamente sobre o tema.

Análise das Comunidades Virtuais

Para nosso trabalho, selecionamos duas ilustrações de discussões em fórum de comunidades virtuais. Para preservação da ética nesta pesquisa, retiramos todos os dados que identificam o usuário e os nomes dos donos das comunidades.

O primeiro trecho⁴ de discussão foi postado em maio de 2011 na categoria de Romances e Relacionamentos sobre o tema “Você considera sua sogra sua mãe?”. O tema foi proposto por L1. Todas as mensagens foram postadas por usuários do sexo feminino. Segue uma parte do fórum para ilustração:

L1- Gente, eu não suportei o olhar da minha sogra durante o almoço neste domingo.

L2- Eu acordo cedo, faço toda a comida, sirvo à mesa e a sucuri nem se lembra de agradecer. É chata igual ao filho.

L1- Quando eu vejo a louça em cima da pia e a velha indo embora. Pra mim é a morte.

L3- Você tem razão L1, o problema é o olhar da bruxa.

L4- O pior é quando eu me mato de fazer tudo e o panaca do meu marido diz que o pudim da mãe é ainda melhor que o meu. Nessa hora, me dá vontade de mandar ele embora com a cobra.

L3- Outro dia, a bruxa queria me ensinar a fazer a sobremesa que eu já tinha feito e ela já tinha comido.

L1- Quando a velha vai embora eu fico meio zozona, acho que a energia dela é muito ruim, ela é pesada.

L4- Elas são pesadas.

⁴ As postagens foram reescritas na íntegra, os nomes dos usuários foram substituídos pela letra L maiúscula e numerais cardinais.

O segundo trecho, localizado na categoria de Esoterismo, foi também, postado em maio de 2011 sobre o tema “Vocês acham que cartomante é mesmo uma furada?”

L1- As do centro de São Paulo são mesmo uma furada.

L2- Bem, creio que há as falsas, mas aí não é cartomante, é falsa. Cartomante é aquela que estuda a cartomancia e te ajuda.

L3- Uma conhecida no cabeleireiro disse que a empregada dela vai em uma próximo da Praça da República. Tenho medo de ir nesses lugares.

L4- Gente, pelo amor de Deus, vocês estão pensando em procurar cartomante no Largo do Arouche, avenida São João, Amaral Gurgel ?

L3- Eu acho que cartomante boa não atende nesses lugares, atenderia em Moema, Vila Mariana, por exemplo.

L1- Acho que as do centro devem fazer amarração e as da zona Sul falam de dinheiro, viagens e amante.

L2- Mas o povo do centrão vai mesmo à cartomantes. Por isso que tem muitas atendendo lá. Quem mora em lugar bom de nível bom não vai tanto nesses lugares.

L3- Lógico. Mas acho que algumas pessoas precisam mesmo desse tipo de cartomante. Porque senão elas não existiriam.

Podemos observar que essas discussões se constroem e se desenvolvem de forma natural e espontânea. No entanto, estamos tratando de um ambiente virtual, em que os recursos computacionais, dispositivos digitais e ferramentas de alta resolução são as responsáveis pela estruturação da esfera comunicativa.

O ambiente virtual cria, constrói e desenvolve uma nova e específica dimensão de esfera de uso da linguagem. Se analisarmos sob a ótica bakhtiniana, as comunidades virtuais são formações complexas oriundas de elaborações de um tipo de comunicação cultural organizada. Esse tipo de interação ancora-se num espaço e tempo determinados em ambiente multidimensional. Segundo Sheila Camargo Grillo,

[...] a noção de esfera presente na obra de Bakhtin, constitui em importante alternativa para pensar as especificidades das produções ideológicas (obras literárias, artigos científicos, reportagens de jornal, etc). A esfera dá conta da realidade plural

da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal (2006, p.149).

Os usuários só podem existir no próprio meio eletrônico e não podem ser a representação de uma pessoa física na tela do computador. A constituição do sujeito-virtual se dá na interação com os outros-sujeitos-virtuais. Bakhtin ultrapassa a esquemática descrição de emissor, receptor e mensagem. Os interlocutores tomam a existência virtual na mediação dialogada com vários contextos que dão eco e sentido para as consciências-virtuais que entram em jogo no ciberespaço com outras entidades virtuais. Segundo Adail Sobral,

[...] a proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para si, condição de formação de sua identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável / responsivo, que lhe dá sentido. Só me torno eu entre outros eus. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo o define, é o outro do outro: eis o não acabamento constitutivo do ser, tão rico de ressonâncias filosóficas e discursivas. (2010, p.22).

A comunidade do Orkut instaura um sujeito cuja substância trilha através de uma escritura eletrônica e o expande como instrumento retórico que dialoga fortemente com uma “sociedade antenada no moderno” que respalda, valoriza e reveste este sujeito. A ideologia estética eletrônica atribui uma identidade social altamente positiva para este “sujeito antenado” que está “dentro do computador”. Ainda na voz de Adail Sobral,

[...] a apreensão não é entendida em termos de uma pretensa “realidade” *tout court*, mas do “valor” que essa realidade assume no agir concreto do sujeito, porque o mundo humano é um mundo de sentido, de elaboração “segunda” da realidade primeira que é o mundo “que está aí” e no mundo no qual é lançado o sujeito (2010, p.23; aspas do autor).

Numa perspectiva dialógica do discurso, o sujeito deve ser analisado em um processo constante de construção relacional com outros sujeitos e contextos. Para Bakhtin, não existe um sujeito subjugado socialmente. A questão do assujeitamento

inexiste nos estudos bakhtinianos. Pois mesmo o silêncio do sujeito, a não-resposta, é uma ação do sujeito que, analisada em sua historicidade, encontra eco em contextos anteriores e, também, posteriores. Seguindo este raciocínio, Adail Sobral conclui que

[..] assim, a proposta do Círculo de Bakhtin de não considerar os sujeitos apenas como seres biológicos, nem apenas como seres empíricos, implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos discursivos como em sua transfiguração, sua construção em texto/discurso (2010, p.23).

As comunidades virtuais determinam um tipo específico de comunicação. Em tom conversacional, os integrantes postam suas ideias, perguntas, respostas e discorrem seus comentários de forma espontânea, simulando uma conversa face a face.

No primeiro trecho, embora tenha sido dado o tema para os integrantes discorrerem, percebemos que a interação se deu, também, por outros elementos culturais comuns entre as usuárias. A palavra sogra, estigmatizada e caricaturada socialmente, reside na tensão das relações sociais, concentra no bojo de sua feitura ideológica uma conotação fortemente negativa. Daí, justifica-se a curiosidade em perguntar se você considera sua sogra sua mãe. As gírias (sucuri, bruxa, cobra, velha) usadas evocam o assunto, unem as usuárias, tornam o clima amistoso e interativo. Todas as falas partem e discutem essa identidade apresentada por L1 no início do texto. Para William Cereja,

[...] todas as palavras evocam um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. (2010, p.204).

O segundo trecho compartilha o mesmo exemplo: Largo do Arouche, Praça da República, avenida São João, Moema, são elementos que ancoram o conhecimento comum e partilhado entre os participantes e, com isto, constroem gradativamente uma interação natural.

Os atributos valorativos que são dados para os lugares mencionados são construídos cultural e não individualmente, assim como sogra, um signo marcadamente

ideológico, estereotipado que, talvez, não subjaz a experiência sócio-ideológica dos sujeitos fora do virtual. Como afirma Valdemir Miotello,

[...] o conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo, todo signo é signo ideológico. O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente (2010, p.170).

Importante, ainda, ressaltar como as postagens dialogam e ressoam em outros contextos que validam as comunidades virtuais. O ambiente da *web*, particularmente o Google, um *megahipertexto*, nos fornece inúmeras referências sobre uma infinidade de temas.

O conteúdo da *web*, por ser vasto e variado, cria uma atmosfera impessoal. Os sites de relacionamento, ao contrário, desfazem a neutralidade, constroem um clima pessoal, proporcionando contato com outras pessoas. Sem a preocupação com o tema, pois já é dado no início do fórum e sem o receio da exposição, preservando a timidez, o contato pode ser iniciado e facilmente rompido.

Ao analisarmos o processo dialógico, é possível encontrar justificativas para o tipo de escrita, assunto, formas de apresentação pessoal, configuração da página, entre outros. Inclusive, como tentar responder as razões da criação e aceitação desse tipo de gênero discursivo.

A descrição e a explicação, na perspectiva da análise dialógica do discurso, perpassam a simples compreensão textual fñcada na estrutura lingüística. Mikhail Bakhtin afirma que

[...] o enunciado ocupando uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em dada questão, em um dado assunto torna-se impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de uma esfera da comunicação discursiva (1992, p.297).

Considerações finais

Observamos, ao longo do artigo, que as comunidades virtuais, na perspectiva dialógica, não devem ser analisadas como discurso autônomo, circunscrito em sua própria estrutura, delineado e pensado dentro de sua própria organização.

As comunidades virtuais devem ser pensadas como um pólo magnético de repulsa e atração onde se situa o signo ideológico. Na perspectiva dialógica, as comunidades são teias onde refletem e refratam inúmeros posicionamentos de vozes discursivas.

Partindo dos estudos bakhtinianos, é possível problematizar, no fio do discurso, os efeitos de sentido dessa complexa malha eletrônica que compõe a estrutura textual das comunidades.

O discurso, na perspectiva bakhtiniana, é um palco onde emerge um espetáculo performático e dinâmico em que o movimento sincronizado dos actantes flui na continuidade e descontinuidade e se desintegra em outros movimentos que absorvem, recuperam e antecipam outras *performances*.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. **Bakhtin e outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: _____. **Bakhtin e outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CEREJA, W. Significação e tema In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.
- GRILLO, S. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. **Bakhtin e outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. Hipertexto: definições e visões. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. B.; MARQUESI, S. C. **Língua Portuguesa Pesquisa e Ensino**. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2007.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOBRAL, A. Ato/Atividade e evento. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.